



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### POR UMA PEDAGOGIA ANTICAPACITISTA NO JORNALISMO:

### MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS JUNTO DE ESTUDANTES COM

### DEFICIÊNCIA VISUAL

Amanda Laís Pereira Noletto<sup>1</sup>; [amanda.noletto@univale.br](mailto:amanda.noletto@univale.br)

Felipe Collar Berni<sup>2</sup>; [felipe.collar@ufr.br](mailto:felipe.collar@ufr.br)

Lilian Juliana Martins<sup>3</sup>; [lilianj@unicamp.br](mailto:lilianj@unicamp.br)

## RESUMO

Este relato registra e compartilha vivências de professores junto de estudantes de Jornalismo com deficiência visual na Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), no campus de Tangará da Serra e no Núcleo Pedagógico de Rondonópolis, entre 2022 e 2025. O relato apresenta experiências, provocações e memórias e, com isso, evidencia complexidades no ensino de Jornalismo a partir da convivência com esses estudantes em diferentes espaços-tempo da formação. Interessa aqui, sobretudo, abrir diálogos para pensar - e problematizar - práticas possíveis para uma docência anticapacitista em Jornalismo, ampliando o debate sobre pessoas com deficiência no campo, não apenas como audiência, mas como estudantes e futuros profissionais.

## PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Deficiência visual. Anticapacitismo.

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Vale do Rio Doce (Univale).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professor e coordenador do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Docente permanente do PPGCOM/UFRR.

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pós-doutoranda em Gestão da Pesquisa, Educação e Difusão do Conhecimento pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



## 1. RELATO

*“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...” - Paulo Freire*

Refletir sobre o ensino do Jornalismo nos leva a reconhecer a Universidade como um espaço estratégico na promoção de mudanças culturais, estruturais e processuais em rotinas produtivas, modelos de negócio e olhares viciados sobre pessoas, culturas e lugares. Naquilo que gradativamente vem se consolidando como interface Mídia e Deficiência nos campos de estudos comunicacionais, temos um volume considerável de reflexão e proposição sobre o ensino de acessibilidade comunicativa como instrumento capaz de garantir o direito à comunicação de pessoas com deficiência (Berni, 2024; Wobeto, 2025). É comum encontrar falas que apostam na inserção de jornalistas com deficiência em espaços de produção como rupturas simbólicas em pautas e enquadramentos e, também, no emprego de acessibilidade em seus produtos. Com um volume menor de problematizações, reflete-se sobre o estudante de Jornalismo com deficiência. Este relato assume esse espaço e busca contribuir a partir dessa lacuna.

Não haverá espaço, aqui, para repercutir as discussões que o próprio campo da Educação, de forma robusta e madura, apresenta sobre a permanência de pessoas com deficiência em ambientes educacionais. Também partimos do pressuposto de que seja assumido o conhecimento dos problemas estruturais enfrentados pelas universidades, especialmente as de caráter público. Dizemos isso para concentrar o debate a partir das dinâmicas dos cursos de Jornalismo; não alheios a todo esse contexto mais amplo, porém com especificidades próprias. Assumimos aquilo que Débora Camila Oliveira<sup>4</sup> nos provoca: “a formação acadêmica de uma pessoa cega no Jornalismo não pode ser pensada apenas pela ótica da adaptação pontual, mas pela

<sup>4</sup> Débora Camila Oliveira é jornalista com deficiência visual total graduada pelo curso da Unemat.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



necessidade de reestruturação metodológica, curricular e atitudinal” (2025, p. 09).

Atravessados por tal reflexão, neste relato compartilhamos experiências vividas enquanto professores substitutos na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), entre os anos de 2022 e 2025. Nesse período, tivemos a oportunidade de atuar tanto no curso de oferta regular quanto na oferta especial, nas cidades de Tangará da Serra e Rondonópolis, respectivamente, ambas localizadas no interior do estado. A escolha por escrever este relato de forma coletiva, reunindo três professores, parte do pressuposto da coletividade, ação estratégica tão necessária para a construção de boas vivências, como as que compartilhamos aqui.

Nos dois cursos, no total, seis estudantes com deficiência visual estavam entre os discentes, quatro deles com deficiência visual total. É importante registrar que a presença dessas estudantes<sup>5</sup> se deve também, no caso de Rondonópolis, a uma aproximação importante da coordenação do curso com o Centro de Reabilitação Louis Braille, com o objetivo de motivar os frequentadores a se inscreverem no vestibular. Três delas participaram do processo e ingressaram na universidade.

A entrada das alunas com deficiência visual na Unemat fez com que adaptações estruturais fossem realizadas nos prédios. A instalação de pisos táteis, a aquisição de computadores adaptados e a contratação de leitores mobilizaram os coordenadores dos cursos. Ainda que as adaptações tenham sido feitas, a morosidade do processo atrapalhou bastante para que essas alunas fossem recebidas com a acessibilidade necessária desde o começo.

O registro dessas dificuldades aparece no documentário “Enfrentando Barreiras em Busca de um Sonho”<sup>6</sup>, de Elismárcia Tosta Rossi, produzido para a disciplina homônima com o aluno Roberto Barcelos. Elismárcia, aluna do curso com deficiência visual total, mostra que, passados três anos do início do curso, ainda não

<sup>5</sup> O grupo de alunos com deficiência visual nos dois cursos é formado por cinco alunas e um aluno. Considerando a representatividade das mulheres, vamos utilizar pronomes no gênero feminino.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rH8wns8HGRw> Acesso em 13 mar. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



havia uma rampa de acesso na entrada do campus em Rondonópolis.

Além dos obstáculos de mobilidade e orientação no espaço da universidade como um todo, no dia a dia da sala de aula de uma estudante com deficiência demanda que as barreiras socioculturais e estruturais que o colocam em desvantagem e o excluem sejam suprimidas. Trata-se de uma questão que evoca a equidade, ou seja, o princípio de tratar cada pessoa de forma justa, oferecendo recursos e oportunidades com base em suas necessidades específicas e em seus contextos individuais, em vez de aplicar a mesma regra a todos.

Repensar nossas metodologias, muitas vezes sem apoio técnico, é um desafio que precisa ser assumido. Na disciplina Linguagem Audiovisual (ministrada por Felipe, em 2023.2), por exemplo, o objetivo de ensinar enquadramentos, movimento de câmera e iluminação foi alcançado graças à estratégia da artesanaria.<sup>7</sup>

Em diálogo com Pedro de Souza, estudante cego que cursava a disciplina, pudemos perceber de que forma aqueles instrumentos para compor a narrativa audiovisual faziam sentido para ele, bem como refletir, de forma muito sincera, sobre uma possível habilidade profissional para o seu manuseio. A saída, naquele caso, foi explorar a linguagem a partir da produção, da roteirização e da reflexão sobre qual seria a abordagem mais adequada de uso de um enquadramento para transmitir o objetivo narrativo, além da audiodescrição como participante dessa linguagem.

### **1.1 Currículo comum, especificidades distintas: artesanaria como metodologia**

Em diferentes momentos, e de forma crítica, uma estudante relatava a “violência” à qual foi submetida ao precisar cursar disciplinas de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo para integralizar o curso. Lembramos de seu desabafo e

---

<sup>7</sup> Influenciados pela pedagogia freireana e pelo artesanato intelectual de Mills (2009), mobilizamos essa expressão para designar alternativas de ensino construídas a partir da escuta das especificidades dos estudantes.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



do impasse em compreender as razões para cursar uma disciplina que tem a visualidade como eixo mais do que central, quando poderia estar ampliando sua qualificação em áreas nas quais detinha sentidos mais aguçados e maior possibilidade de intervenção. Trata-se de um ponto que, ainda hoje, nos provoca.

Os currículos e suas obrigatoriedades historicamente são objetos de tensionamento dentro das universidades, ainda que, em geral, esses debates ocorram por outros motivos, como a compartimentalização do conhecimento e o ideal da interdisciplinaridade. Parece-nos que o campo ainda não conseguiu responder plenamente a essa estudante, hoje colega de profissão.

Formular compreensões distintas sobre as habilidades demandadas de um profissional do jornalismo pode ser um caminho, seja pela ampliação das possibilidades de escolha, seja pelo reconhecimento das especificidades dos estudantes. Isso implica considerar que pessoas com deficiência visual podem ser jornalistas, pessoas surdas podem ser jornalistas, pessoas autistas podem ser jornalistas, todas a partir das suas especificidades.

Ao mesmo tempo, tivemos relatos entusiastas de outra estudante cega em relação à disciplina de Fotojornalismo, inclusive a partir do contato com o trabalho de João Maia, fotojornalista cego que foi palestrante em uma das Semanas de Jornalismo realizadas naquela universidade.

De toda forma, nota-se um dilema igualmente importante a ser problematizado: não assumir as pessoas com deficiência como um coletivo homogêneo, nem mesmo quando compartilham a mesma deficiência, como a visual. As pessoas com deficiência constituem um coletivo plural, atravessado por diferentes marcações interseccionais, com sonhos, objetivos e projeções distintas.

Vale reforçar, ainda, que, embora todas nossas estudantes fossem, neste caso, pessoas com deficiência visual, as deficiências eram distintas, cegueira ou baixa visão, e, por conseguinte, exigiam práticas pedagógicas diferentes em sala de aula.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Pensá-los como um coletivo homogêneo significa desconsiderar, mais uma vez, a individualidade de cada uma delas. Eis, portanto, a complexidade e a necessidade de construir uma pedagogia anticapacitista. Nesse processo, a artesanaria pedagógica se apresenta como um caminho possível.

Sem nenhum contato anterior com pessoas com deficiência visual, nos vimos com o dever de desenvolver, a partir do diálogo com os estudantes e da própria intuição que nasce desse contato cotidiano com suas especificidades, formas de apresentar conceitos. Recordamos a experiência na disciplina História do Jornalismo, ministrada por Amanda, em 2022.1, quando Pedro de Souza, estava matriculado na turma. Ao organizar a disciplina no início do semestre, foram elaborados mapas mentais de alguns dos temas que seriam trabalhados em sala de aula, a partir de sua exibição no datashow. No caso de Pedro, foi preciso repensar essa prática e, juntos, chegamos a uma possibilidade que permitiu incluí-lo coletivamente nos debates teóricos da sala: a confecção de mapas mentais em alto-relevo.

Outra experiência marcante que tivemos com Pedro de Souza, ao longo da nossa permanência na Unemat, e que nos instigou a buscar métodos que possibilitassem sua participação nas atividades em condições de equidade em relação aos demais estudantes, aconteceu durante um dos encontros do curso de extensão “Os outros no Jornalismo: como noticiar na perspectiva cidadã?”, realizado entre abril e junho de 2023 (Noletto; Collar Berni; Martins, 2024).

Nesse dia, havíamos escolhido trabalhar o vídeo *TED*: “O perigo de uma história única”, de Chimamanda Ngozi Adichie. Durante o encontro, porém, descobrimos que o material estava apenas legendado, com áudio original em inglês e sem audiodescrição. Como saída, realizamos uma tradução simultânea do vídeo em sala, para que Pedro pudesse acompanhar toda a atividade.

Também como experiência dessa artesanaria metodológica, registramos a experiência relatada por Débora (2025, p.19) na disciplina de Design, conduzida por



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



um colega: “[O professor] utilizou metodologias empáticas, como letras plásticas com serifas para que eu pudesse sentir e compreender, além de outros materiais táteis. Minha memória visual, baseada nas fontes do Word, auxiliou na compreensão do conteúdo”

Os relatos dos docentes e discentes mostram que, em busca da equidade, a criatividade e a escuta dos professores para as necessidades dos estudantes foram elementos presentes no planejamento das aulas para que os alunos com deficiência visual pudessem apreender os conceitos das disciplinas, mesmo naquelas mais visuais.

## **1.2 Ensinar como jornada compartilhada: os estudantes como protagonistas**

Dessas experiências, cabe mencionar o curso de extensão “Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade: Audiodescrição”, realizado em 2023. Sob coordenação de Felipe, e contando com a participação de Amanda e Lilian, realizamos encontros com o objetivo de capacitar estudantes, professores e profissionais da área de Comunicação no ensino e uso de recursos de acessibilidade comunicativa. A intenção principal era reconhecer as pessoas com deficiência como público que interessa a comunicação (Collar Berni, 2024).

Essa experiência repercutiu fortemente em nossas práticas docentes em sala de aula, especialmente na escolha dos materiais utilizados como referência de estudo nas disciplinas, como vídeos e filmes. A disciplina Documentário e Produção Audiovisual, ministrada por Lilian em 2024.2 em Rondonópolis, é ilustrativa desse caminho percorrido pelas professoras: quase todos os filmes utilizados para ilustrar conceitos trabalhados na disciplina contavam com o recurso de audiodescrição. Entendemos que o ensino, dentro dessa realidade particular dos cursos de Jornalismo da Unemat, construiu-se a partir de uma jornada inteiramente



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



compartilhada e pensada na perspectiva coletiva. Em alguns momentos, éramos tensionados a refletir sobre as necessidades dos estudantes com deficiência visual; em outros, a repensar nossas próprias práticas pedagógicas.

Nas situações oportunas, colocamos os estudantes na centralidade da percepção sobre o que estava em debate. Ainda nas aulas de Documentário e Produção Audiovisual, o trabalho final da disciplina consistiu em desenvolver filmes com audiodescrição. Para isso, as estudantes com deficiência visual auxiliaram como consultoras dos grupos na construção da narrativa, considerando esse recurso.

Acreditamos que o estímulo a esse protagonismo, nos momentos possíveis, auxilia em um aspecto que, infelizmente, se fez presente nas turmas: o capacitismo dos colegas. Quase sempre, os alunos cegos ficavam isolados, contando com a interação de poucos colegas. Débora Oliveira registrou essa percepção em seu TCC: “Muitas vezes, a falta de compreensão sobre a acessibilidade tornou minha participação um fardo, como se a adaptação fosse um favor e não um direito [...] A resistência dos colegas e professores demonstrou que a inclusão ainda é vista como algo opcional” (2025, p. 21).

Nesse sentido, valorizar as habilidades desses alunos pode contribuir para estimular essa inclusão. Débora (Oliveira, 2025, p. 12) reflete sobre essa postura:

A inclusão é mais do que ocupar espaços e realizar atividades que todos realizam, mas de maneira adaptada. Inclusão é buscar uma maneira de validar as habilidades da pessoa com deficiência, apresentando métodos possíveis de serem desenvolvidos com tecnologias assistivas.

### 1.3 TCCs como registros da experiência

Um dos autores deste relato, Felipe, à época professor nesse contexto, cursava o doutorado e já possuía uma trajetória de pesquisa que dialogava com as questões relacionadas às pessoas com deficiência, trazendo-as para o centro das problematizações sobre os processos jornalísticos e comunicacionais. Esse elemento é



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



um marcador interessante, visto que a aproximação com estudantes com deficiência visual ocorreu, em grande medida, pelo direcionamento por conta dessa trajetória. Ou seja, quando buscavam um professor para orientá-los, quase que de maneira automática seu nome surgia.

O problema, entretanto, reside no isolamento do debate, das práticas e do próprio conhecimento. A concentração de uma suposta “autoridade” sobre o tema não é benéfica ao coletivo, uma vez que pessoas são passageiras; práticas e processos, por sua vez, podem perdurar, contribuindo para a reestruturação do ambiente e para sua consolidação como espaço de conhecimento.

As epistemologias do Sul e as leituras decoloniais têm reafirmado o valor da experiência como instrumento legítimo na produção de conhecimento. Os trabalhos de conclusão de curso ocupam um lugar particular nesse processo, quase como um testamento acadêmico, já que frequentemente concentram grande atenção e esforço de produção monográfica ou experimental, marcando o encerramento de um ciclo formativo. É curioso notar que as três estudantes cegas que formamos em Rondonópolis refletem, em seus TCCs, sobre suas trajetórias enquanto estudantes e, conseqüentemente, enquanto futuras profissionais.

Cada uma, à sua maneira, de forma deliberada ou mesmo subconsciente, posiciona a experiência de uma pessoa cega no Jornalismo como eixo de problematização. Marilene Gomes de Araújo (2025) registrou memórias de estudantes com deficiência visual no curso de Jornalismo da Unemat. Débora Oliveira (2025), por meio de uma autoetnografia, reivindica o direito à acessibilidade na formação de estudantes cegos. Já Elismácia Tosta Rossi (2025) projeta o futuro profissional revisitando trajetórias de vozes invisibilizadas, isto é, de jornalistas com deficiência visual no mercado de trabalho jornalístico. A necessidade de problematizar a partir desse lugar de fala enuncia os desafios e as urgências que o campo enfrenta para tornar-se, de fato, plural.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Ainda sobre essa experiência, é importante tensionar a tríade rigidez, flexibilização e autonomia. Trata-se de uma reflexão que não se limita ao TCC, embora utilizemos essa experiência como ponto de partida para pensá-la. Como orientador, Felipe pôde acompanhar de perto a experiência dolorosa de Débora ao escrever seu TCC. O projeto do curso previa duas modalidades para esse trabalho: monografia ou produto experimental. Débora desejava refletir a partir da monografia, e assim o fez. Todavia, enfrentou diversas barreiras, inclusive relacionadas a hábitos e formas de expressão.

Sendo uma pessoa cuja expressividade se manifesta fortemente por meio da fala, viu-se limitada pela necessidade de se enquadrar na escrita, à luz das formatações e normas da ABNT. Suas formas de apropriação das leituras e, conseqüentemente, os modos de mobilizar citações de textos de referência eram distintos. A lógica estrutural de seu pensamento se organizava a partir da oralidade, e não da escrita.

Como seria diferente essa experiência se outras maneiras pudessem ser assumidas para o exercício semelhante àquilo que entendemos como monografia? A própria banca, em determinado momento, levantou esse questionamento, que permanece em aberto: a necessidade de as universidades se abrirem às diferentes formas de comunicação e produção de conhecimento.

Essa estudante contava com o acompanhamento de uma ledora. Ainda assim, o processo de reflexão intelectual é profundamente íntimo e artesanal. Dessa forma, a autonomia do estudante é, ao nosso ver, inegociável. O papel de ledores, monitores e outros agentes de acessibilidade é fundamental, mas não pode substituir a autoria e o protagonismo intelectual de quem produz o trabalho.

## 2. CONSIDERAÇÕES COM VISTAS À CONTRIBUIÇÃO

Iniciamos esta reflexão com Paulo Freire e retomamos o educador no



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



encerramento destas contribuições. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) critica o “ensino bancário”, aquele que deposita conhecimentos nos alunos, sem diálogo real e participação ativa dos estudantes. Para uma formação de fato inclusiva, é necessário, como percebemos na prática, guiar-se pela percepção freiriana da educação problematizadora, fundamentada na pedagogia dialógica, naquilo que chamamos aqui de artesanaria metodológica.

Nessa pedagogia dialogada, artesanal, anticapacitista, há espaço para aquilo que Sônia Caldas Pessoa (2019, p. 26) chamou de acessibilidade afetiva:

[...] relações cotidianas de encontros nos quais a comunicação, por meio de todas as possibilidades de estar com o outro, se faz presente, sem restrições. [...] A comunicação interpessoal como experiência sem limites, a não ser aqueles acordados pelos próprios sujeitos. A comunicação na qual o corpo se faz centro de ação e de interesse. A comunicação em sentimentos e em afetações, com acessibilidades possíveis entre os sujeitos diferentes.

A legislação garante a acessibilidade comunicativa, mas não é capaz de garantir afeto. Seria a práxis, a que se refere Freire, propulsora dessa acessibilidade afetiva.

Como professores, tivemos a sorte de ter esses alunos com deficiência visual. Chamamos de “sorte” porque sabemos que, ainda que as cotas estejam fazendo um papel fundamental para que alunos com deficiência cheguem à universidade, a presença e permanência desses alunos ainda é rara. Débora, Elismárcia, Marilene, Pedro, Vanessa e Edilene nos mobilizaram a repensar nossas aulas e nossa reflexão sobre um jornalismo que se pretende, de fato, anticapacitista.

Nosso querer, ao relatar essa experiência ao campo, é somar-nos ao desafio assumido por muitas pessoas de mitigar as barreiras, desvantagens e exclusões a que pessoas com deficiência são submetidas. É contribuir para o giro nas problematizações sobre deficiência: não mais na dimensão adaptativa da pessoa aos processos, estruturas e práticas socioculturais, mas no reconhecimento da deficiência dos próprios processos, estruturas e práticas socioculturais. Pessoas são plurais; compete ao ensino do jornalismo também ser.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marilene Gomes de. **Memórias de estudantes com deficiência visual no curso de Jornalismo da Unemat: desafios e perspectivas**. 2025. TCC (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis, 2025.

COLLAR BERNI, Felipe. Provocações para (re)pensar o ensino de acessibilidade comunicativa nos cursos de Jornalismo. **Âncora – Revista Latino-Americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 11, p. 150-166, 2024.

COLLAR BERNI, Felipe. Espaço Livre de Experimentação em Comunicação e Acessibilidade: relato do vivido junto ao curso de Jornalismo da Unemat. In: ANAIS DO 23º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE JORNALISMO, 2024, Goiânia. **Anais eletrônicos...**, Galoá, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

NOLETO, Amanda; COLLAR BERNI, Felipe; MARTINS, Lilian Juliana. Os outros no jornalismo: relato de uma experiência extensionista desde o interior de Mato Grosso. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 14, n. 33, p. 20-33, 25 abr. 2024.

OLIVEIRA, Débora Camila. **O direito à acessibilidade na formação de estudantes cegos: uma autoetnografia sobre o curso de Jornalismo**. TCC (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis, 2025.

PESSOA, Sônia Caldas. Corpos com deficiência: movimentos de experiências e afetações por uma acessibilidade afetiva. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas (orgs.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019, pp. 19-29.

ROSSI, Elismácia Tosta A.; GOMES, Josyclaudia de Jesus; ALVARES, Wander Vieira. **Vozes Invisíveis: a inclusão de jornalistas com deficiência visual no mercado de trabalho jornalístico**. TCC (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Rondonópolis, 2025.

WOBETO, Samara Letícia. **Proposições teórico-práticas de acessibilidade comunicativa na formação de jornalistas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2025.